

O HOMOSSEXUALISMO NA POESIA LATINA

ZÉLIA DE ALMEIDA CARDOSO
Universidade de São Paulo

Resumo: Há muitas referências ao homossexualismo, na poesia latina de todas as épocas, variando de autor para autor o tratamento conferido ao tema: Plauto o considera como algo risível, extraindo efeitos cômicos de personagens afeminadas; Catulo encara o fenômeno ora com leveza, fazendo brincadeiras sobre o assunto, ora com malícia e irritação; Virgílio explora com naturalidade a homossexualidade de pastores. Os poetas elegíacos trabalham com o tema à sua maneira, mostrando o amor homossexual como uma categoria especial de amor, análogo ao que se devota a namoradas e cortesãs, enquanto os satíricos o censuram, com espírito jocoso ou indignação. Diante dessa multiplicidade de enfoques, estudiosos de problemas sociológicos e morais da antiguidade clássica propõem indagações sobre o caráter do homossexualismo em Roma e apresentam hipóteses sobre a questão.

Palavras-chave: Homossexualismo, comédia, lírica, sátira.

São freqüentes, nos poemas latinos de todas as épocas, as referências ao homossexualismo. Variam, entretanto, de autor para autor, as formas do tratamento conferido ao tema.

No teatro de Plauto, o homossexualismo é apresentado, via de regra, como algo risível. Em muitas comédias há brincadeiras e trocadilhos que sugerem práticas homossexuais; algumas personagens – sobretudo escravos jovens e parasitas – apresentam comportamento afeminado; “complacências servis” são lembradas em diversas ocasiões.

Na *Aulularia*, em dois momentos, há alusões ao homossexualismo. Na cena IV do Ato II, quando Estrobilo, servo de Megadoro, volta para a casa do amo com as provisões que haviam sido compradas e os cozinheiros que contratara, refere-se enfaticamente, com solenidade própria do discurso jurídico, à “divisão” da mercadoria, recomendada por Megadoro:

“... edixit mihi
ut dispartirem obsonium hic bifariam”

(Aul. 281-2)

“ele me mandou
dividir aqui em duas partes tudo que vai ser comido”¹.

Ântrax, um dos cozinheiros contratados, reclama imediatamente:

“Maquidem hercle, dicam palam, non diuides;
si quo tu totum me ire uis, operam dabo”

(Aul. 283-4)

1. As traduções dos textos latinos são de nossa responsabilidade.

“Por Deus, e eu estou falando alto, ninguém vai me rachar; se você quer que eu vá inteiro, eu faço o serviço”.

Congrião, o outro cozinheiro, acrescenta em tom de caçoadá:

*“Bellum et pudicum uero prostibulum populi!
Pos si quis uellet, te haud non uelles diuidi”*

(Aul. 285-6)

“Que gracinha de boneca, tão envergonhada!
mas se alguém quisesse, você bem que quereria ser rachado!”

Estrobilo compreende o trocadilho e acrescenta:

*“Atque ego istuc. Anthrax, aliouorsum dixeram,
non istuc quo tu insimulas...”*

(Aul. 287-8)

“Eu tinha dito outra coisa, Ântrax; não é isso
que você está jogando na cara dele”.

W. Medeiros (Plauto, 1989, p. 147, n. 94), em nota à tradução do texto latino, mostra que “ao enfático *dispertirem* de Estrobilo responde Ântrax com o equívoco *diuidere* que – como *dirumpere* e *scindere* em latim ou “rachar” em português – permite em sentido literal (o que lhe dá o primeiro utente) e um sentido obsceno (o que lhe atribui Congrião)” e remete o leitor à obra de J. N. Adams, *The Latin sexual vocabulary* (London, Duckworth, 1982, 150-1 e 219) na qual o assunto é explorado.

Na cena IV do Ato IV, outra ambigüidade ao nível do discurso evoca a pederastia. Euclião surpreendera Estrobilo no templo da Boa Fé e, desconfiando de que o escravo se apoderara da preciosa marmitta de ouro, espanca-o e exige a devolução do objeto supostamente roubado. Trava-se, então, o seguinte diálogo:

Str. “Quid uis tibi?”

Euc. Pone.

Str. Id quidem pol te datare credo consuetum, senex.

Euc. Pone hoc sis. Aufer cauillam; non ego nunc nugas ago.

Str. Quid ego ponam? quim tu eloquere quidquid est suo nomine”.

(Aul. 535-8).

Est. “O que você está querendo?”

Euc. Que você me dê.

Est. Eu é que acho que você está acostumado a dar, seu velho!

Euc. Vá para trás! Deixe de brincadeira. Eu não estou brincando.

Est. Quer que eu dê o quê? Por que você não chama as coisas pelo nome certo? ²

Mais uma vez W. Medeiros (Plauto, 1989, p. 167) chama a atenção para a ambigüidade do discurso, mostrando que na fala de Estrobilo pode haver um sentido obsceno dado o em-

2. A tradução procura resgatar, de alguma forma, o trocadilho obsceno de Estrobilo.

prego do advérbio *pone*, que significa “atrás”, “de trás”, e que faz jogo léxico com a forma verbal “*pone*”, usada por Euclião.

Uma utilização semelhante de “*pone*” pode ser observada em *Poenulus*, em diálogo travado entre uma testemunha e o fazendeiro Colibisco, diálogo esse no qual também existe sugestão de pederastia:

“*Di te perduint!*”

Adv.

Pone nos recede.

Col. *Fiat.*

Adv. *Nos priores ibimus.*

Col. *Faciunt scurrae, quod consuerunt: pone se se homines locant!*

(*Poen.* 607-9)

Test. “Que os deuses te desgraçam!

Fica atrás de nós.

Col. Tudo bem!

Test. Nós vamos na frente.

Col. Os idiotas fazem o que estão acostumados a fazer: põem homens atrás de si”.

H. Clouard (Plaute, s/d, p. 566), em nota aposta ao texto, faz referência ao caráter obsceno da observação de Colibisco e nela pretende ver um traço da antipatia das pessoas do campo em relação às da cidade.

Os exemplos se sucedem, Em *Casina*, na cena VI do Ato II, Calino, escudeiro do fazendeiro Olímpio, o próprio fazendeiro e o velho Lisdamo travam um diálogo empregando palavras ambíguas, sugerindo práticas homossexuais:

Cha. “*Stimulus ego nunc sum tibi;*

fodico corculum; adsudascis iam ex metu, mastigia.”

Lys. *Tace, Chaline.*

(Cha). *Comprime istum.*

Oly. *Immo istunc qui didicit dare!*”

(*Cas.* 360-2)

Cal. “Agora vou ser uma espada para você;

vou penetrar seu coraçãozinho; já está suando de tanto medo, seu traste!”

Lis. Cala a boca, Calino!

(Cal). Agarra dele!

Oli. É melhor agarrar o outro que já aprendeu a dar”.

Ernout (Plaute, 1933, p. 180, n. 1^o) mostra que *comprime* pode ser empregado como “fazer calar” e como “subir em”, comportando, portanto, sentido obsceno, e que *dare* também tem duplo significado, podendo ser empregado, como ocorre, aliás, também em português, para indicar a concessão feita pelo efeminado. Lembramos que *stimulus* apresenta por sua vez duplo significado (“vara”, “pau”, “objeto pontiagudo” e, por extensão, “membro viril”), o mesmo ocorrendo com *fodico* (“atormentar” e “furar”).

Assim como ocorre com os escravos plautinos que, como diz Veyne (Veyne, 1985, p. 42) tem muitas vezes sua atenção chamada para o “serviço” que os amos deles esperam, os parasitas também podem apresentar traços efeminados. Em *Menaechmi*, até o apelido do pa-

rasita, *Peniculus*, evoca sua condição, muito embora ele se justifique na cena I do Ato I, oferecendo uma interpretação pessoal para o nome pelo qual é conhecido:

*"luentes nomem fecit Peniculo mihi
ideo quia mensam, quando edo, detergeo"*

(*Men.* 77-8)

"A moçada me chama de Brocha porque quando como varro a mesa".

Sósicles, porém, revela claramente o que pensa do parasita:

*"Vae capiti tuo
Omnis cinaedos esse censes, quia tu es?"*

(*Men.* 513-4)

"Vá para o inferno! Acha que todo mundo é bicha só porque você é?"

Em *Captivi*, entretanto, é o parasita quem considera o velho Hegião como um homossexual passivo. Comprova-o um dos diálogos contido na cena II do ato III, embora seja intencionalmente ambíguo:

Heg. *"Esurire mihi uidere.*

Erg. *Miquidem esurio, non tibi.*

(Heg). *Tuo arbitratu; facile patior.*

Erg. *Credo; consuetu's puer".*

(*Capt.* 866-7)

Heg. "Parece que você está com vontade de comer.

Erg. Estou sim, mas é problema meu, não seu.

Heg. Como quiser; mas eu ainda agüento bem.

Erg. Acredito. Deve estar acostumado, desde menino".

Como se pôde observar, Plauto se refere ao homossexualismo quase sempre por meio de trocadilhos, procurando extrair efeitos cômicos das alusões. Não é, porém, o que acontece em outros gêneros poéticos. Catulo, em alguns de seu poemas, renunciando o erotismo de sabor alexandrino, se projeta na figura de um "eu" enamorado que fala de um *puer* por quem nutre grande paixão. A primeira referência ao jovem ocorre no *carmen* XV. O poeta se dirige a um certo Aurélio – personagem desconhecida segundo Lafaye (Catulle, 1974, p. 109), mencionada em outros poemas³ e sempre tratada com certeza rudeza – e demonstra temer que o *scaelestus* possa investir contra o rapaz. Afinal, a fama de Aurélio não é desconhecida de ninguém:

*"Verum a te metuo tuoque pene
infesto pueris bonis malisque".*

(*Cat.* 15,9-10)

"Na verdade, tenho medo de ti e da tua virilidade,
perigosa para os jovens inocentes ou maus".

O *puer* referido – ainda conforme a interpretação de Lafaye (Catulle, 1974, p. 13) – é o

3. Cf. *Cat.* 11,1; 16,2; 21,1.

mesmo Juvêncio (*luentius*) mencionado pelo poeta nos *carmina* XXIV, XLVIII, LXXXI e XCIX. O "eu" nesses textos revela o amor que sente e se lamenta da não-correspondência.

Diferentemente do que ocorrera na comédia de Plauto, em que era visto como algo risível, nesses poemas de Catulo o homossexualismo é apresentado como um fenômeno natural: a paixão de um homem por um jovem, semelhantemente à que nutre por uma *puella*, é causa de sofrimento, de ciúme e de insatisfação.

Em outros momentos, todavia, Catulo muda completamente de tom ao referir-se à pederastia. No virulento *carmen* XVI, dirigido a Aurélio e a Fúrio que, segundo o poeta, o haviam acusado de pouca masculinidade, Catulo ameaça provar-lhes irrefutavelmente que é homem:

*Pedicabo ego uos et irrumabo,
Aureli pathice et cinaede Furi.*

(Cat. 16,1-2)

Os verbos *paedico* e *irrumo*, de difícil tradução em português, envolvem a idéia de "exercer pederastia" e "exigir felação", respectivamente. Quanto aos nomes *pathicus* e *cinaedus*, empregados como qualificativos, em aposição a *Aurelius* e *Furius*, destinatários do poema, correspondem a "passivo" e "prostituto". Toda uma carga de grosseria e indignação se acha contida, pois, nos versos referidos.

Já no *carmem* C, as referências ao homossexualismo apresentam um tom irônico e malicioso, despindo-se do caráter enraivecido e amargo:

*"Caelius Aufilenum et Quintius Aufilenam
flos Veronensum depereunt iuuenum,
hic fratrem, ille sororem. Hoc est, quod dicitur, illud
fraternum uere dulce sodalicium.*

(Cat. 100,1-4)

O Célio por Aufileno e o Quintio por Aufilena,
flor dos jovens de Verona, ambos morrem de paixão:
o primeiro pelo irmão, o segundo pela irmã.
Isto é, como se diz, sociedade fraternal.

Os poetas da época de Augusto também afloram, de quando em quando, em suas obras, a questão da homofilia.

Virgílio consagra a Bucólica II ao infeliz amor do pastor Coridão pelo formoso Aléxis. Em nota aposta à tradução do texto, João P. Mendes (Mendes, 1985, p. 186) se refere a figuras do mundo antigo, tais como Marcial, Apuleio, Sérvio, Donato e Júnio Filargírio, e a críticos modernos como Cartault, Krause e Bellessort, que identificaram Coridão com Virgílio. Lembra também que "a exegese tradicional dos escoliastas vê em Aléxis o hipocrático de Alexandre, nome de um escravo de Asínio Polião que inspirara em Virgílio um vivo interesse a ponto de com ele ser presenteado por seu anfitrião que se apercebera do desejo do poeta".

O amor que Virgílio teria dedicado a Alexandre – platônico, talvez – poderia ter sido, segundo se depreende dessas observações, o fator que determinou a produção da bucólica. Não há, entretanto, como provar. É possível que no poema haja apenas um *topos* freqüente na lírica clássica e alexandrina.

Na *Eneida*, a história de Niso e Eurfalo e do amor que os unia, se não apresenta explicitamente um caso de homossexualismo, insinua-o, sem dúvida.

Niso e Eurfalo são personagens épicos criadas por Virgílio. Aparecem pela primeira

vez, na *Eneida*, no livro V, quando o poeta, descrevendo o que ocorrera numa competição de corrida, durante os jogos fúnebres em homenagem a Anquises, menciona os dois amigos:

*"Nisus et Euryalus primi,
Euryalus forma insignis uiridique iuuenta,
Nisus amore pio puen"*

(En. V, 294-6)

"Niso e Eurfalo são os primeiros:
Eurfalo, de bela aparência e no verdor da juventude;
Niso, cheio de devotado amor pelo rapaz".

Plessis e Lejay (Virgile, s/d, p. 457, n.5), comentando o texto, mostram que o adjetivo *pius* tem significação específica, qualificando aqueles que, como Enéias (idem: 233 n. 5), se caracterizam pela *pietas*, sentimento que leva à execução, com amor, de atos de dever em relação aos deuses, aos pais, aos filhos, aos protetores, aos protegidos, aos amigos. O amor de Niso por Eurfalo era *pius*, "amor devotado" e não "pura amizade" como pretendeu N. Firmino (Firmino, 1945, p. 180). Plessis e Lejay (Virgile, s/d, p.457, n. 5) julgam que Eurfalo seria um adolescente bonito ("de bela aparência e no verdor da juventude"), devendo ser Niso mais velho (daí o "*pius amor*").

Durante a corrida, lembrando-se do amor que nutria pelo jovem ("*non oblitus amorum*" – V, 334), Niso o favorece fazendo com que vença a prova.

No livro IX a dupla reaparece numa expedição noturna, inspirada no episódio de Ulisses e Diomedes (Il. X, 220-578), mas tratada por Virgílio com grande originalidade. Há nova alusão à beleza de Eurfalo (*quo pulchrior alter / non fuit Aeneadum Troiana neque induit arma* – IX, 179-80), a seu rosto ainda imberbe (*ora puer prima signans intonsa iuuenta* – IX, 181) e ao amor que unia os dois amigos (*his amor unus erat* – IX, 182).

As palavras que Niso dirige ao companheiro, segundo o costume de Virgílio, têm uma ambigüidade aparentemente intencional:

*"Nisus ait: Dine hunc ardorem mentibus addunt,
Euryale? an cuique deus fit dira cupido?"*

(En. IX, 184-5)

"Niso diz: São os deuses, Eurfalo, que insuflam a paixão em nossas mentes? ou para cada um se torna um deus o seu desejo?"

Plessis e Lejay (Virgile, s/d, p. 681, n. 3) mostram que *ardorem* é explicado pelos versos 186-7, nas quais se fala da peleja que Niso pretendia empreender. A psicologia, porém, poderia mostrar que o desejo de lutar é uma forma de fugir de outro desejo inconfessável, policiado e reprimido. De qualquer forma, é incontestável a ambigüidade dos versos.

O que ocorre após tal discurso é do conhecimento de todos: os dois moços partem juntos durante a noite, entram no acampamento inimigo, degolam soldados adormecidos e preparam-se para fugir quando Eurfalo é aprisionado. Niso, que se adiantara, se dá conta da falta do amigo e retorna desesperado, a tempo de presenciar o assassinio de Eurfalo, praticado por Volsente. Consegue vingar-se, matando o matador do jovem, mas é trespassado por inúmeros golpes. Caiu, então, sobre o corpo exânime de Eurfalo, e "ali descansou numa plácida morte":

*"tum super exanimam sese proiecit amicam
confossus placidaque ibi demum morte quieuit".*

(En. IX, 444-5)

A expressão ambígua "*sese proiecit*" ("atirou-se") acena para a idéia de um ato voluntário que talvez correspondesse à satisfação *inextremis* de um desejo inconsciente.

Contemporâneos de Virgílio, Horácio e Propércio também evocam o homossexualismo em algumas de suas obras, conquanto de forma parcimoniosa.

Horácio toca no assunto na Ode IV,i, ao referir-se a Ligurino, um *puer delicatus*, e na Sátira I,iv⁴, ao lembrar que todos os homens podem ser satirizados por particularidades que têm:

"Hic nuptarum insanit amoribus, hic puerorum"

(O. IV, i,27)

"Um enlouquece de amor por mulheres casadas, outro por moços.."

Propércio, numa elegia dirigida a um certo Galo⁵, recomenda-lhe, num tom de brincadeira, que cuide bem do *puer* e não o deixe aproximar-se de águas traiçoeiras. Ilustra a recomendação com o relato da morte de Hílas – jovem por quem Hércules se apaixonara, conforme o mito – motivo de textos de poetas alexandrinos tais como Apolônio de Rodas, Teócrito e Nicandro.

Mais adiante, na elegia II, iv, lamenta-se das torturas do amor e evoca novamente o homossexualismo, lembrando-se, talvez, da Sátira I, iv de Horácio:

*"Hostis si quis erit nobis, amet ille puellas;
gaudeat in puero, si quis amicus erit".*

(Prop. II, iv, 17-8)

"Se alguém me for inimigo, que se enamore de moças;
que se divirta com moços, se alguém amigo me for".

Dos poetas da época de Augusto é Tibulo, contudo, quem aborda o tema do homossexualismo de maneira mais explícita e detalhada, mostrando, em três longas elegias consagradas a Márato, que o amor por um *puer* nem sempre é tranqüilo e isento de dores. São três belos poemas, de forte sabor alexandrino, considerados freqüentemente pelos biógrafos do poeta como obras de natureza confessional. Ponchont (Tibulle 1968), que estabelece o texto das elegias e faz a tradução das mesmas, na edição publicada por "Les Belles Lettres", não só procede à datação da "ligação" entre Tibulo e Márato (de 29 a 26 a.C.) como afirma categoricamente, ao comentar a primeira dessas elegias (Tibulle 1968:30):

"L'accent si personnel du poème exclut l'hypothèse qui fait de Marathus un personnage imaginaire, outre que les élégies 8 et 9 contiennent sur lui des détails précis et particuliers".

A composição das elegias mencionadas é cuidada e os três poemas, em conjunto, poderiam, realmente, afigurar-se como o resumo de uma "história de amor". Na primeira (I,iv), o "eu-poético" se dirige a uma estátua de Prápo e lhe pede instruções sobre como conquistar rapazes:

"quae tua formosos cepit sollertia?..."

(Tib. I,iv, 3)

"que arte, criada por ti, conquista os jovens formosos?"

4. Na edição das obras de Horácio publicada em 1917 pela Hachette, com estudo biográfico e literário e notas críticas e explicativas feitas por F. Plessis e P. Lejay, a ode IV,i não figura e, da sátira I,iv, foi excluído o verso 27! Coisas do passado.

5. Segundo Luigi Alfonsi (1945, p.15) trata-se de Cornélio Galo.

Prápo assume o discurso e, numa verdadeira *ars amandi*, expõe os preceitos que garantem a conquista. As palavras de Prápo têm a mesma suavidade das de Tibulo e, surpreendentemente, o deus – como o poeta – considera de extrema vileza a troca do amor por presentes valiosos ⁶.

No segundo poema consagrado a Márato (I,viii), o “eu-poético” se dirige a Flóe, moça por quem o rapaz está apaixonado, e a aconselha a conceder favores ao jovem. Censurando-a e acusando-a de insensibilidade, frieza e arrogância, o “eu-poético” parece dirigir-se ao próprio Márato, que tem a mesma atitude da moça em relação ao amante.

Na última elegia em que Márato é mencionado (I,ix), o poeta se refere à traição cometida pelo jovem, trocando o amor pelos presentes de um velho rico. Mais uma vez Tibulo toca na questão da venalidade amorosa. Para ele, nem o amor homossexual nem a devotada paixão pela cortesã ou pela mulher casada devem provocar censura ou reprovação. Condenável é a venalidade, a ambição. Vender as boas graças ou trocá-las por presentes caros é o que polui e desfigura o amor.

Ovídio, o último grande poeta da época de Augusto, toca de leve na questão do homossexualismo em *Ars Amatoria*, sem se deter no exame do assunto. Nas *Metamorfoses*, porém, mostra-o como um motivo presente na lenda mítica ao relatar histórias de amor que tiveram por protagonistas Ganimedes e Jacinto, amados por Júpiter e Apolo ⁷.

Com o passar do tempo e as modificações operadas na vida romana, a literatura latina começa a tomar outros rumos. Surgem novos gêneros e os antigos sofrem profundas mudanças. Os velhos temas são submetidos a tratamentos bastante especiais.

No caso particular da abordagem do homossexualismo, a situação é peculiarmente curiosa, pela múltipla variedade de enfoques.

No *Satyricon*, de Petrônio, obra presumivelmente do século I de nossa era, a visão que se tem do fato é a um tempo cômica, melancólica e realista. De um lado o homossexualismo é considerado risível ou burlesco: a própria figura dos *pueri delicati* é pintada de forma a parecer ridícula ⁸. De outro – e isso ocorre sobretudo nas conversas mantidas por libertos em boa situação – há um resquício de amargura na evocação das imposições a que se submetiam os escravos jovens e bonitos ⁹.

Com Marcial e Juvenal, o homossexualismo reaparece como digno de ser criticado por meio da poesia. Marcial ridiculariza a pederastia no Epigrama III, 71, embora de forma brincalhona:

*Mentula cum doleat puero, tibi, Naeuole, culus,
non sum diuinus, sed scio quid facias”* ¹⁰.

Juvenal, no tom indignado muito seu, censura veementemente o homossexualismo que chegara a tal ponto que um romano, Graco, celebrara núpcias clandestinas com um tocador de trombeta. O poeta se estarrece e propõe indagações inconformadas a Marte, patrono da cidade:

..... “*O pater urbis,
unde nefas tantum Latiis pastoribus? unde*

6. “*Heu! male nunc artes miseris haec saecula tractant: / iam tener adsuevit munera uelle puer*”, diz o deus, antecipando o que o poeta dirá em I,v,60 (“*nam donis uincitur omnis amor*”), I, v,67-68 (“*plena est percutienda manu*”), I,viii, 29 (“*munera ne poscas*”) I, ix,17 (“*auro ne pollue formam*”), II,III, 35-6 (“*ferrea non uenerem sede praedam saecula laudant*”), II,III, 50 (“*iam ueniant praedae, si Venus optat opes*”), II,iv, 27 (“*o pereat quicumque legit uirides smaragdus*”).

7. Cf. *Met.* X, 155-61 e 162-219. |

8. Veja-se por exemplo a descrição de um *puer delicatus* em XXVIII.

9. Veja, por exemplo, LXXV, 11.

10. Remeto o leitor à tradução de José Dejalma Dezotti, apresentada em seu *Relatório para Exame de Qualificação para obtenção de Grau de Mestre em Letras* (São Paulo, USP, 1990, p. 57).

*haec tetigit, Gradiue, tuos urtica nepotes?
 Traditur ecce uiro clarus genere atque opibus uir,
 nec galeam quassas, nec terram cuspide pulsas,
 nec quereris patri? unde ergo et cede seueri
 iugeribus campi, quem neglegis."*

Juv. II, 126-32

"Protetor de Roma,

de que modo os pastores do Lácio chegaram a tal crime?
 De que modo, Gradivo, um espinho tamanho atingiu teus filhos?
 Eis que um homem ilustre pela família e pelos bens se entrega a outro homem
 e tu não agitas teu elmo, não abalas a terra com teu dardo,
 não reclamas a teu pai? Vai-te, então, e renuncia às jeiras
 do solo severo de que não fazes caso".

Suetônio, entretanto, ao compor a biografia dos doze Césares, fala do homossexualismo com certa naturalidade. Referindo-se a Júlio César, por exemplo, diz que "fora de suas relações com Nicomedes, nada autoriza a crença na desmoralização de seus costumes", lembrando, no entanto, que "o opróbrio oriundo desse fato foi grave e duradouro e o expôs aos ultrajes de todo mundo". Em seguida, em curioso efeito de preterição, diz que não mencionará os versos de Licínio Calvo que evocavam as riquezas do "amante de César" e os discursos de Dolabela e de Cúrio, em que César era chamado "rival da rainha" e "prostituta da Bitúnia", "marido de todas as mulheres e mulher de todos os maridos" (*Diu. Iul.* XLIX,1-3 e LII,6). Compendo a biografia de Augusto, rememora os "opróbrios de sua primeira mocidade", o fato de Sexto Pompeu o considerar afeminado e a censura de Marco Antonio que o acusou de "ter comprado a adoção de seu tio com o preço de seu estupro" (*Aug.* LXVIII,1) Ao falar de Tibério, lembra a desonra que o imperador infligiu a um jovem cuja beleza o seduzira (*Tib.* XLIV,3) e, biografando Calígula, menciona o "comércio" por ele mantido com vários jovens (*Cal.* XXXVI,1-3). Se, de Cláudio, afirma que "se absteve completamente de homens" (*Diu. Cl.* XXXIII,4), de Nero evoca as relações que mantinha com homens livres e os "ritos esponsálicos" que celebrou com o jovem Esporo (*Nero*, XXVIII,1-4).

Diante de todas essas referências, que mostram a presença de alusões ao homossexualismo na literatura latina de todos os tempos uma pergunta se impõe: como era vista, verdadeiramente, a homossexualidade no mundo romano?

Na Grécia, sabe-se, a pederastia sempre foi encarada de forma especial. Félix Buffière, em sua obra *Eros adolescent*, discorre amplamente sobre o assunto mostrando que, entre os gregos, o amor de homens por rapazes não tem caráter vicioso ou anormal, não se vincula obrigatoriamente a relações carnavais e se articula intimamente com o culto da bravura, da beleza e do saber. Após fazer a distinção entre homossexualismo e homofilia, pederastia e pedofilia, Buffière disserta sobre os diversos planos da homossexualidade e faz um esboço histórico da questão, mostrando o lugar que o homossexualismo ocupou na sociedade, da antiguidade a nossos dias.

Depois de estudar o fenômeno em Creta e entre espartanos e dóricos, analisa o aspecto pictórico da pederastia na cerâmica antiga, detém-se no exame de biografias de vultos históricos que, de uma forma ou outra, se envolveram com homofilia, analisa obras poéticas que abordaram o assunto, fala das diversas faces do culto de Eros e discorre sobre a posição das diferentes correntes filosóficas diante da questão. Termina a obra, focalizando o papel da pederastia na vida quotidiana e chegando a diversas conclusões: fala, por exemplo, do processo da evolução da consciência grega, do controle gradual da pederastia por meio de leis e de certa repressão social e do papel desempenhado pelo homossexualismo no que diz respeito à sensibilidade e às artes.

Diferentemente do que ocorreu na Grécia, a pederastia, em Roma, foi menos comum. J. N. Robert (Robert, 1986, pp. 19-40); 185-9), em *Les plaisirs à Rome*, analisa o assunto e faz

algumas suposições interessantes. Para ele, muito embora desde o século VI a.C. fosse comum a compra de belos escravos por senhores ricos – e sua afirmação se ancora em Poíbio – o homossexualismo enfrentou a barreira da antiga moral romana que se caracterizou por uma tradição de trabalho, frugalidade e austeridade. Pautando-se pela sobriedade e pela seriedade, essa moral teve como fundamento a família e o lar, gerando fortes reações contra o helenismo e sobretudo contra o epicurismo, dada a idéia corrente de que o prazer é contrário ao trabalho e faz o homem perder a dignidade.

Relacionado intimamente com o helenismo e com o hedonismo, o homossexualismo foi freqüentemente visto como algo atentatório aos costumes, merecendo, portanto, a censura popular.

A. Richlin (1983, p.220-6), no ensaio "The circumstances of male homosexuality in Roman society of the late Republic and early Empire", aposto como apêndice em seu livro *The garden of Priapus*, analisa a questão de forma um pouco mais complexa, mostrando, de diversos ângulos, a posição do romano em relação ao assunto.

Mostra, inicialmente, a crítica feita ao homossexualismo – sobretudo ao passivo – apresentada tanto em inscrições parietais como em textos de Cícero, Valério Máximo e Sêneca ¹¹ e em poemas de caráter satírico e epigramático de Catulo, Marcial e Juvenal ¹².

O jovem afeminado – aquele que se comporta como se fosse mulher, revelando não raro tal comportamento na maneira de vestir-se e agir – é alvo de censura e zombaria. Práticas sexuais entre homens livres sempre foram consideradas ilícitas, tendo havido, desde épocas remotas ¹³, leis que procuraram coibi-las. O caso mudava de aspecto, entretanto, se o amante "passivo" fosse um jovem escravo.

Amy Richlin termina o ensaio fazendo referência à poesia erótica e mostrando a evidência das práticas homossexuais na sociedade romana, detectada em textos históricos como os de Suetônio e em obras revestidas de seriedade como a obra de Quintiliano e as cartas de Plínio, o Jovem.

Paul Veyne, em seu ensaio "A homossexualidade em Roma", apresenta o fenômeno de forma semelhante mas procura explicá-lo. Mostra que a pederastia sempre foi aceita na Urbs com certa complacência, desde que se respeitassem os adolescentes livres. Exigir do escravo "o serviço que dele se esperava" nada tinha de anormal ou censurável. Condenável era a passividade do homem livre, a prostituição do jovem de boa família. Machista e escravagista, a sociedade romana admitia o homossexualismo desde que o homem romano se impusesse em sua posição ativa e dominadora: fazendo valer sua masculinidade (mostrando, portanto o poder sobre o jovem passivo) e exercendo o direito de senhor – o direito de impor ao servo a vontade absoluta em todos os momentos.

Os três trabalhos, importantes para os estudiosos do assunto, apontam para a especificidade da sociedade romana no tratamento conferido aos fenômenos com que conviveu.

Não sabemos, entretanto, se os fatos eram vistos exatamente assim. Se a pederastia era encarada de maneira natural desde que o elemento passivo fosse escravo, como explicar os trocadilhos de Plauto ao mencioná-lo? Como entender a risota, a brincadeira que envolvia os servos e os parasitas afeminados das comédias?

Juvêncio e Ligurino, *pueri delicati*, muito embora já tenham sido considerados como figuras tiradas da própria vida real, são evidentemente personagens literárias, "pessoas de papel" com a mesma consistência das "amadas" debuxadas por Virgílio, Propércio, Tibulo e Ovídio: seres do mundo da fábula – do mundo mítico, pastoril ou elegíaco.

11. Veja-se, por exemplo, de Cícero a segunda Filípica e a epístola 1,16 dirigida a Ático; de Valério Máximo os relatos contidos em 9,1,7-8; de Sêneca as *Quaestiones Naturales*, 1,16.

12. Ver Cat. 27; 28; 61; Mart. 11,78 e 12,97 e Juv. 1,34.

13. Vejam-se, por exemplo, as leis *Scantinia* e *lulia de adulteriis coercendis*.

A poesia sublima e mostra como natural aquilo que sempre foi visto como uma distorção – distorção que produziu a chacota e a ironia, a irreverência e a indignação, a zombaria e a invectiva.

Houve homossexualismo em Roma, é evidente, como em qualquer lugar do mundo. Mas apenas nos textos poéticos que operam como simples objeto estético – naqueles que se afiguram como quadros pintados ou estatuetas decorativas – foi encarado como algo natural e puro. Naqueles que apresentavam qualquer outra finalidade, foi motivo de crítica explícita ou velada.

ABSTRACT

There are a lot of references to homosexuality in Latin poetry of all ages, varying its treatment according to the author: Plautus considers it as something laughable and extracts comic effects from effeminate characters: Catullus faces the phenomenon either with lightness, making jokes about the subject, or with malice and irritation; Virgil works on the homosexuality with simplicity. The elegiac poets exploit the theme after their manner, showing the homosexual love as a kind of special love, similar to that devoted to girl-friends or deminondaines, whereas the satirists criticize it with jocose spirit or indignation. Before such multiplicity of approaches, scholars interested in social and moral problems of ancient times propose questions on the character of homosexuality in Rome and present hypothesis about the matter.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFONSI, L. *L'elegia di Propertio*. Milano: Vita e pensiero, 1945.
- BUFFIÈRE, F. *Eros adolescent.. La pédèrastie dans la Grèce antique*. Paris: Les Belles Lettres, 1980.
- CATULLE. *Poésies*. Texte ét. et trad. par G. Lafaye. 9^a ed. Paris: Les Belles Lettres, 1974.
- FIRMINO, N. *A Eneida de Vergílio*. Porto: Simões Lopes, 1945.
- HORACE. *Oeuvres*. Intr. e notas de Plassis e Lejay. Paris: Hachette, s/d.
- . *Satires*. Paris: Les Belles Lettres, 1969.
- JUVENAL. *Satires*. Paris: Les Belles Lettres, 1974.
- MARTIAL. *Epigrammes*. Paris: Les Belles Lettres, 1961 e 1969.
- MAZEL, J. *As metamorfoses de Eros*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MENDES, J.P. *Construção e arte das Bucólicas de Virgílio*. Brasília: Ed. da UnB, 1985.
- OVIDE. *Les Metamorphoses*. Paris: Les Belles Lettres, 1932.
- PETRONE. *Le Satyricon*. Paris: Les Belles Lettres, 1950.
- PLAUTE. *Bacchides, Captiuu, Casina*. Texte ét. et trad. par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1933.
- PLAUTE. *Théâtre*. Intr. trad. et notes par H. Clouard. Paris: Garnier, s/d.
- PLAUTO. *A comédia da marmita*. Intr. versão do latim e notas de W. Medeiros. Coimbra: INIC, 1989.
- PROPERCE. *Elegies*. Paris: Les Belles Lettres, 1970.
- RICHLIN, A. *The garden of Priapus*. N. Haven and London: Yale Univ. Press, 1983.

- ROBERT, J. N. *Les plaisirs à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 1986.
- SERGENT, B. *L'homosexualité dans la mythologie grecque*. Paris: Payot, 1984.
- SUÉTONE. *Vies des douze Césars*. Paris: Les Belles Lettres, 1932.
- SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. Trad. de S. Garibaldi. S. Paulo: Ediouro, s/d.
- TIBULLE et les auteurs du *Corpus Tibullianum*. Texte ét. et trad. par M. Ponchot. Paris: Les Belles Lettres, 1968.
- VEYNE, P. A homossexualidade em Roma. In: ARIÈS, P. e BEJIN, A. (Orgs.). *Sexualidades ocidentais. Contribuições para a história e a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986. pp. 39-49.
- VIRGILLE, *Oeuvres*. Intr. e notas de Plessis e Lejay. Paris: Hachette, s/d.